

Quércia pode dividir pefelistas

Roland M. Sierra
especial para o JBr

São Paulo — A aliança, praticamente consumada, do PFL paulista com o governador eleito Orestes Quércia, pode levar de volta aos quadros do PDS uma fatia daquele partido, oriunda exatamente do pedessismo. A previsão é do deputado Sílvio Martini, presidente estadual do PDS, depois de uma esticada de duas semanas pelo interior do estado. Martini diz ter sentido essa tendência em conversa com dirigentes municipais e vereadores de seu partido, embora o fenômeno não passe efetivamente de tendência.

Uma parte do PFL paulista surgiu de dissidências dentro do pedessismo, em função da disputa por espaços políticos e eleitorais e como tentativa de se desmarcar o excesso de domínio do ex-governador Paulo Maluf no partido. Mas o adversário comum continuou sendo o PMDB, que acabou se transformando na maior máquina partidária no estado e cujo primeiro governo (Montoro) teria mantido os pedessistas a pão e água, numa ação que foi classificada de «revanchismo» descabido.

Entende o dirigente pedessista que a aliança do PFL com o PMDB de Orestes Quércia agrada apenas a uma parcela dos pefelistas, aquela não oriunda do PDS ou a que receberá «bom tratamento» do novo governo do estado. Mas não sobrar espaço para toda a área do PFL e a facção que vier a ser desfavorecida optará naturalmente pelo retorno ao PDS, com ou sem o predomínio do malufismo. Afinal,

no próximo ano estará deflagrada uma nova campanha eleitoral — a disputa pelas prefeituras e Câmaras de Vereadores — e a quantidade de diretórios e as ambições dos políticos municipais pefelistas dificilmente caberão numa legenda só. Passar para o PMDB é projeto inviável para os que ficarem fora dos favores oficiais, por razões óbvias (o PMDB estará hermeticamente fechado com seus já largos quadros).

Além dessa razão de ordem fisiológica, há a expectativa de que o quadro econômico e social continue por bom tempo em uma escalada de agravamento de dificuldades, o que deve tornar mais fácil e atraente uma campanha eleitoral de cunho nitidamente oposicionista.

Essa expectativa se apóia, entre outros fatores, em recente exposição feita à direção e às novas bancadas federal e estadual do PDS pelo ministro Delfim Netto, que, na medida em que fez projeções nada otimistas para a economia do país, estimulou a direção partidária a se definir por uma linha de «oposição firme, constante e construtiva aos governos federal e estadual, causadores da grave situação que infelicitava nossa população, assaltada pela incerteza e pela falta de perspectivas», conforme nota oficial emitida após o referido encontro, a 27 de janeiro.

A questão do predomínio excessivo de Paulo Maluf passaria a um segundo plano, mesmo porque há um movimento para que as bases do PDS caminhem no sentido de manter lealdade ao ex-governador sem se subordinarem completamente a seus projetos pessoais.